SIMPÓSIO 48

TRADUÇÃO: *TRANS*-FORMAÇÃO LINGUÍSTICA E CULTURAL

COORDENAÇÃO:
Professora Katia de Abreu Chulata
Università del Salento
kdeabre@hotmail.com

Professora Maria João Marçalo
Universidade de Évora
mjm@uevora.pt

TRADUÇÃO DE HISTÓRIAS REAIS DE MULHERES – PARTILHA DE CONHECIMENTO SOBRE AUTODEFESA NUMA PERSPECTIVA MULTICULTURAL

Ilda Maria Severino AMBRÓSIO[1]

RESUMO: Esta apresentação insere-se no Trabalho de Projecto que tem por base a tradução de histórias do livro *Her wits about her*. Estas histórias têm como protagonistas mulheres vítimas de ataques, aos quais conseguiram sobreviver, através da utilização de técnicas de autodefesa, que em muitas histórias surgiu naturalmente através do uso da sensibilidade e intuição. Todas as histórias têm final feliz, como o próprio subtítulo indica (*Self-Defence Success Stories by Women*). Numa época tão conturbada e negativa, com os *media* informando principalmente sobre acontecimentos trágicos, estas histórias constituem uma nota positiva, ainda mais pertinente por não serem ficção. A selecção das histórias a traduzir foi efectuada de acordo com o tipo de autodefesa utilizada. Ao longo da tradução tem-se verificado que existem diferenças linguísticas entre a língua fonte, o Inglês, e a língua alvo, o Português, bem como diferenças culturais, sendo estas as que têm colocado algumas dificuldades de tradução relevantes, numa perspectiva "cultural turn". Ainda relativamente aos aspectos culturais, importa salientar a questão de "gender and/in translation" subjacente, e a existência de uma subcultura feminista da Califórnia que questiona a posição da mulher como ser frágil, quando surge como presumível vítima do homem, e tem que necessariamente adoptar uma posição de defesa activa, inconformista, com o objectivo de sobreviver. Com este trabalho pretende-se partilhar conhecimento, de forma a tornar as mulheres mais conscientes das suas capacidades.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução; conhecimento; mulheres; autodefesa; cultura

1.Introdução

O livro *Her wits about her: Self-Defence Success Stories by Women*, editado por Denise Caignon e Gail Groves, constitui o *corpus* objecto de tradução do meu Trabalho de Projecto. Este livro reúne testemunhos de mulheres sobreviventes a perseguições, tentativas de violação e ataques à própria vida, através da utilização de técnicas de autodefesa. Na maior parte das histórias esta surgiu como reacção natural ao ataque, e as "armas" utilizadas foram diversas, como se verifica pelo título de algumas das sete partes desta antologia; por exemplo, "Intuition and Willpower" ("Intuição e Força de Vontade"), "Weapons at Hand" (Armas à Mão), ou ainda "Teamwork" ("Trabalho de Equipa"). Contudo, a perspicácia, a intuição e a sensatez constituem competências fundamentais na gestão dos diversos conflitos.

2. As Questões Culturais

As questões culturais constituem o assunto primordial a desenvolver neste trabalho, por esse facto, considero fundamental uma breve análise sobre a evolução da importância dos aspectos culturais para a teoria e prática da Tradução. Para tal, o livro *Translation Studies* de Susan Bassnett constitui uma referência importante. Este livro aborda questões históricas e teóricas pertinentes e insere os Estudos de Tradução (designação de André Lefevere em 1978) como "disciplina" num contexto único, com características específicas e métodos próprios. Susan Bassnett utiliza, no capítulo um do seu livro, uma metáfora que tem sido utilizada por outros teóricos e investigadores de tradução e que relembro aqui. A propósito

1 Aluna do Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução, UE, Escola de Ciências Sociais, Departamento de Linguística e Literaturas, Largo dos Colegiais, 2, 7002-554, Évora, Portugal, ilda.ambrosio@gmail.com

da relação indissociável existente entre a língua e a cultura, a autora considera o texto um ser vivo, em que "language (…) is the heart within the body of culture" (1998:14). O tradutor é, então, o "cirurgião", que ao intervir no texto, tem que entender língua e cultura como partes integrantes e activas desse texto.

No séc. XIX, num período de imperialismo colonial, estas ideias não teriam aceitação. Nesta época dominava a concepção senhor-servo, com repercussões também a nível da tradução e do tradutor, ambos numa posição de inferioridade e irrelevância face ao texto original e seu autor criativo.

Ainda durante a primeira metade do séc. XX, a tradução continuou a ser entendida como a passagem ou transferência de uma língua para outra, preterindo-se as questões culturais. No entanto, devido a estudos realizados em diferentes áreas do conhecimento, nomeadamente a Antropologia, essas questões começam a ter outro valor e, como referi anteriormente, com os Estudos de Tradução, a cultura assume um papel primordial.

Através da leitura dos prefácios e da introdução do livro de Susan Bassnett, concluí que os Estudos de Tradução são uma disciplina relativamente recente (séc. XX - finais dos anos setenta), e, apesar de, durante bastante tempo, ter sido considerada como uma categoria menor da Literatura Comparada, é, neste momento, uma disciplina essencial e abrangente, perspectivando-se o seu desenvolvimento crescente, em paralelo com o aumento da prática da tradução, no âmbito da comunicação global do séc. XXI.

Hoje em dia é impossível ignorar a importância dos aspectos culturais nas traduções realizadas, quer sejam de cariz literário ou mais técnico. Lembro Marildo Nercolini e o seu artigo "A questão da tradução cultural" (pp. 1-2), no qual ele aborda a "tradução como questão central na vida da cultura" contemporânea. No séc. XXI, a cultura e a tradução constituem questões essenciais, por isso torna-se fundamental estudar a "tradução cultural" para melhor entender o mundo em que vivemos.

Este tipo de tradução tem por base a aceitação, por parte do tradutor, da noção de perda, ou seja, a impossibilidade de apreender totalmente o texto original. Por outro lado, o tradutor deixa de ter um papel subalterno para passar a deter uma posição fulcral, em virtude de "colocar povos em contato" e estabelecer "pontes" para o "diálogo" através de "fronteiras".

2.1. Aspectos Culturais Aquando da Publicação de *Her Wits About Her*

Este livro foi editado pela primeira vez em 1987, em Nova Iorque, num período relacionado com a terceira vaga do movimento feminista. Apesar de existirem vários movimentos feministas, as questões da identidade (cultural/género) e da igualdade estão no cerne da sua luta.

As mulheres que contam a sua história neste livro e as que lhes dão voz questionam a posição da mulher como ser frágil e eterna vítima indefesa do homem. Denise Caignon e Gail Groves, ao fazerem esta compilação, acreditam que a mulher tem que adoptar uma posição de defesa activa, inconformista, com o objectivo de sobreviver. Como é referido no prefácio, "… women who fight back get away more often than women who are passive." (p.xxiii)

O feminismo é considerado um movimento cultural e político, porque revela preocupação com a opressão das mulheres e dos socialmente desprotegidos e com a forma de lhes conferir poder. Para as escritoras e tradutoras feministas, "Language became a political weapon and conventional discourse was targeted, since it is here that power is thought to reside." (Hatim, 51)

2.2. A Mulher na Cultura Portuguesa Actual

Pareceu-me oportuno reflectir um pouco sobre a cultura portuguesa e o papel da mulher nos dias de hoje. Cinquenta anos após o início do feminismo, as mulheres continuam a ser vítimas de discriminação no trabalho, na família e na sociedade em geral. Os valores que constituíram a base desse movimento cultural são frequentemente esquecidos, inclusive por mulheres, talvez pelo facto de existir em Portugal uma conotação pejorativa associada ao termo "feminismo".
Em Portugal, a violência tem aumentado nos últimos anos, como pode ser verificado no Inquérito nacional sobre a violência (Lisboa:2009), em cuja sinopse encontrei a seguinte informação:

> Também se conclui pela primeira vez em Portugal, que a violência exercida contra os homens é diferente da que é praticada contra as mulheres: aquela inscreve-se na violência em geral e esta decorre em grande medida de desigualdades de género, económica, social e culturalmente construídas ao longo do tempo. Perante isto tem de se agir preventivamente, no sentido de mudanças das mentalidades das novas gerações.

De facto, muitas situações de discriminação e violência não são relatadas às autoridades competentes, porque as mulheres têm medo de se tornarem vítimas reconhecidas e sofrerem posteriormente maior discriminação, para além de não confiarem no sistema judicial português, devido à morosidade dos processos, à forma como são tratadas durante os mesmos, e também, porque em muitos casos, não se faz justiça.

Em Portugal, a crença popular de que a mulher é um ser frágil, e quando atacada não deve reagir, continua bastante actual. Contudo, as experiências relatadas em *Her wits about her* revelam exactamente o contrário.

3. Experiência de Autodefesa

Tendo em conta que o tradutor deve ter ou adquirir conhecimentos sobre o assunto a traduzir, o contexto, etc., pensei que seria útil aprender algumas técnicas de autodefesa. Através da Internet contactei o Mestre Rui Lacerda, professor de artes marciais e responsável pela criação do "Active Defence System". Em virtude de haver a possibilidade de ele se deslocar a Évora, resolvi organizar um workshop sobre autodefesa para mulheres, que se realizou em Maio e contou com dezasseis participantes. No final, concluímos que tínhamos adquirido conhecimentos importantes, mas que esperávamos não ter que os utilizar. No entanto, se fosse necessário, possivelmente estaríamos mais capacitadas para nos podermos defender. O conhecimento sobre os pontos fracos do ser humano, bem como a aprendizagem de algumas técnicas (e.g. torção e efeito alavanca), são fundamentais para se controlar um ataque, com ou sem recurso a objectos que podem constituir armas de defesa. "Todas as técnicas e movimentos são utilizados (…) de uma forma poderosa e criativa, em que o objectivo principal é desenvolver o respeito pelo próximo, a autoconfiança, o autocontrole",[2] afirma Rui Lacerda, Presidente da Associação Portuguesa de Artes de Defesa e Combate.

4. O Processo de Tradução

No processo de tradução têm surgido algumas dificuldades, que têm exigido uma análise cuidada, não apenas do termo em causa, mas do contexto sociocultural em que é utilizado. Nesse sentido, David Katan (1999:14) alerta para o seguinte: "Cultural mediators [translators] should therefore be extremely aware of their own cultural identity; (…) how their own culture influences perception."

Gostaria de destacar algumas dificuldades de tradução, que surgiram pela existência de diferenças linguísticas e culturais entre a língua fonte, o Inglês, e a língua alvo, o Português. A primeira dificuldade surgiu com o título. A repetição do pronome "her" no título original torna-o apelativo e fácil de memorizar, mas não é possível manter na tradução. No início pensei utilizar "mulher" no título e não no subtítulo e escolhi "conhecimento" para traduzir "wit", que tem diversos significados. O resultado era um título demasiado longo: "A mulher e o conhecimento que tem de si própria: histórias sobre autodefesa com final feliz". Neste momento, apesar de não ser definitivo, prefiro o seguinte: "Saber para Sobreviver: histórias de mulheres sobre autodefesa".

Na tradução do título da história "Deaf and Not Defeated" tentei manter as características fonéticas, para além do sentido, o que resultou no seguinte: "Surda e Não Submissa". O exemplo seguinte relacionado com a empresa de autocarros "Greyhound" dos EUA, que não existe em Portugal, representa uma diferença cultural. Como se tratava de uma viagem longa, utilizei apenas "expresso", designação comum em Português. A expressão "rape hotline" surge por diversas vezes ao longo do livro. Da primeira vez, foi necessário explicar o seu significado ("linha de apoio sobre violação"). Por outro lado, manteve-se o nome do grupo de apoio (Santa Cruz Women Against Rape) e traduziu-se em nota de rodapé para facilitar a compreensão de todos os leitores. Não se traduziu literalmente "to have sex", pela associação a uma situação mais física, por oposição a "fazer amor", a escolhida torna-se mais objectiva, ou seja, "ter relações sexuais".

2 em <http://escolas.mestreruilacerda.com> acedido em 14/05/11.

Algumas dificuldades estão relacionadas com a adjectivação. A título de exemplo, na frase "the clear glass door revealed a large man", alterou-se o sujeito da frase, porque faz mais sentido ser o material de que é feita a porta (vidro claro) a revelar o intruso ("o vidro da porta revelou um homem grande"). "Sign language" parece não apresentar dificuldades de tradução, no entanto, um tradutor menos atento poderá traduzir por linguagem gestual, o que estaria incorrecto. Deve-se utilizar língua, porque todas as línguas gestuais possuem uma gramática e um dicionário próprio, em que os significados aparecem sob a forma de gestos.

Na tradução de "See?" tentei manter a marca do discurso oral da seguinte forma: "Tá a ver?". Outro aspecto cultural que pode causar dificuldades de tradução é a utilização de unidades de medida diferentes entre o Inglês e o Português. É necessário saber as equivalências e, como o resultado não corresponde a um número exacto, na tradução utilizei um aproximado. Alguns exemplos: "five feet tall" ("um metro e cinquenta"), "a hundred pounds" ("quarenta e cinco quilos") e "ten feet" ("três metros").

Apresento, por último, alguns exemplos relacionados com as diferenças de género existentes entre o Inglês e o Português. No primeiro caso, "a young woman", pode-se substituir o substantivo "woman" por "jovem", porque o artigo indefinido em Português já tem marca do género feminino. O sistema de género pronominal do Inglês pode causar problemas, porque só existe marca de género na terceira pessoa do singular. "You" pode ser feminino, masculino, singular, plural ou impessoal. Tenho realizado a sua tradução, de acordo com o contexto e pela existência ou não de intimidade com o interlocutor. Assim, traduzi a frase "As you read this book (…)" por "Ao longo deste livro, (você) poderá (…)", a pergunta "Who are you?" por "Quem é o senhor?" e "What's your name?" por "Como se chama?"/"Como te chamas?". Por vezes o mais apropriado é a utilização do sujeito impessoal, como na tradução de "That means you get beaten until you say (…)" por "Isso significa que se é espancado até se dizer (…). No final deste processo, são essenciais a humildade e a responsabilidade, características que o tradutor, como qualquer profissional deve ter, para avaliar o seu trabalho, com o objectivo de o melhorar e de evoluir na profissão. A questão, sobejamente discutida, da maior ou menor importância do tradutor face ao autor, torna-se redundante, porque ambos são autores/criadores.

Na realidade, o texto alvo constitui-se como original e importante, na medida em que "it is the original text which is actually dependent upon the translation and not the other way round, since without translation the original would simply remain 'undiscovered'." (Hatim, 48)

Nesse sentido, enquanto tradutora, gostaria que as leitoras/os leitores sentissem a mesma empatia com o texto alvo, como eu com o texto fonte. Espero, portanto, que no meu trabalho de tradução os três princípios ideais referidos por Eugene Nida (2001:1) se revelem da seguinte forma: "first, faithful equivalence in meaning, second, expressive clarity of form, and third, attractive elegance that makes a text a pleasure to read."

5. Conclusões

Como conclusões ou ideias-chave, saliento as seguintes: o tradutor é um mediador cultural que facilita a comunicação; neste caso concreto, através da publicação da tradução, poderia partilhar experiências de mulheres, que apesar de distantes no espaço e no tempo, poderão ajudar outras a adquirir consciência das suas capacidades e das possibilidades de resposta perante um ataque. A língua portuguesa é transmissora de cultura e não está confinada ao nosso pequeno país, por isso mesmo, através da tradução destas histórias, registos de entrevistas a mulheres, posso transmitir uma mensagem positiva em qualquer ponto do mundo. Como explica António José Saraiva (2003:16), "A escrita (…) é como se petrificasse a palavra e a despersonalizasse. Anula o sujeito falante em proveito da mensagem comunicada."

Como refere David Katan (1999), o tradutor é um mediador cultural que facilita a comunicação. Neste caso, enquanto tradutora transmito conhecimento às possíveis leitoras que ficarão mais conscientes das suas capacidades. Por esse facto, a aprendizagem constante deve ser o *leit motiv* de qualquer tradutor. Todas as experiências culturais e linguísticas oportunas. Acredito, portanto, que a tradução não condiciona o tradutor a um espaço fechado, solitário, egocêntrico. Sem dúvida que o tempo da criação assim o determina, mas não exclui o tempo da descoberta, da partilha, e, posteriormente da transformação, inerente a qualquer processo criativo, quer do criador, quer do receptor da sua obra, neste caso concreto, o leitor.

A tradução e a multiculturalidade estão presentes no nosso mundo de forma bem nítida e não apenas através dos meios de comunicação, que possibilitam a troca de informação à escala global. O contacto com o Outro acontece de forma natural, sem ser necessário viajar e atravessar fronteiras, através da presença no nosso país de pessoas com outras nacionalidades, outras línguas e culturas. Inclusive em países pequenos como Portugal, a cultura é de tal forma diversa, que, por exemplo, em S. Miguel (Açores), apesar de usarmos a mesma língua, podemos sentir-nos estrangeiros, ou até estranhos, quando somos obrigados a recorrer a "intralingual translation, or rewording",[3] utilizando outros vocábulos e expressões em língua portuguesa, com o objectivo de estabelecer a comunicação. Enquanto seres humanos e tradutores, a nossa relação com o Outro deve ser de abertura, de diálogo e de humildade perante as diferenças encontradas.

Referências Bibliográficas

Caignon, Denise; Groves, Gail. (eds.). 1989. *Her wits about her: Self-Defense Success Stories by Women*. London: The Women's Press.

Bassnett, Susan. 1998. *Translation Studies*. London: Routledge.

Hatim, Basil. 2001. *Teaching and Researching Translation*, disponível em <http://books.google.pt> acedido em 19/02/11.

Katan, David. 1999. *Translating Cultures, an Introduction for Translators, Interpreters and Mediators*. Manchester: St. Jerome Publishing.

Karoubi, Behrouz. (s.d.). "Gender and Translation", disponível em <http://www.**translation**directory.com/article528.htm> acedido em 11/05/11.

Lisboa, Manuel (coord.); Barroso, Zélia; Patrício, Joana; Leandro, Alexandra. 2009. "Violência de Género – Inquérito nacional sobre a violência exercida contra Mulheres e homens", disponível em <http://www.cig.gov.pt> acedido em 13/04/11.

Nercolini, Marildo José. 2005. "A Questão da tradução cultural", disponível em <http://www.literal.com.br/artigos/a-questao-da-traducao-cultural> acedido em 22/06/11.

Nida, Eugene. 2001. *Contexts in Translating*. Col. "Benjamins Translation Library", Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Saraiva, António José. 2003. *O Que é a Cultura*. Lisboa: Gradiva-Publicações, Lda.

3 Um dos três tipos de tradução identificados por Roman Jakobson, em Susan Bassnett (1998:14).

SINGULARIDADE E PLURALIDADE DO TRADUTOR NUM UNIVERSO LINGUÍSTICO HÍBRIDO

Katia de Abreu CHULATA[4]

RESUMO:A presente comunicação sugere uma reflexão sobre a "singular" e também "plural" condição do tradutor que atue na particular experiência aqui descrita.

A ação – que diz respeito ao livro *Oração pelo poema*, de Alberto da Cunha Melo, traduzido em língua italiana – propôs uma sugestiva reflexão sobre "identidade" e "alteridade". Tal tradutor, nessa circunstância, traduz um texto poético para uma língua que, mesmo não sendo a sua língua materna, de fato lhe pertence plenamente, já que utilizada cotidianamente na sua vida profissional e nas relações sociais. Realiza-se, dessa forma, uma "mistura identitária" que se propõe como dispositivo de mediação do relacionamento que o tradutor "intencionalmente exerce", consciente de uma hibridação linguística e cultural que compõe a moldura no interior da qual pode se tornar legítima a sua re-leitura, a sua re-interpretação do texto. Uma avaliação que, exatamente enquanto reconhece uma pluralidade das perspectivas latentes no texto a ser traduzido, induz, de fato, a confirmar a conotação "aberta" do produto cultural. Verifica-se, assim, a situação atípica de uma ação tradutória já não exercida na condição tradicional em que o eu/tradutor traduz na própria língua o texto do *outro*. Ao contrário, verifica-se a condição na qual o eu/tradutor *re*-versa o texto na (*sua*) língua estrangeira.

PALAVRAS-CHAVE: hibridação linguística; identidade; alteridade; pluralidade.

> Che il progetto di una lingua universale, (seppure per questa mai voluta intendere una lingua propria e nativa e materna e quotidiana di tutte le nazioni) è una chimera non solo materialmente, e relativamente, e per le circostanze e le difficoltà che risultano dalle cose quali ora sono, ossia dalla loro condizione attuale, ma anche in ordine all'assoluta natura degli uomini; vale a dire non solamente in pratica, ma anche in ragione.
>
> Giacomo Leopardi

Num artigo de 1989, intitulado "Leer es como traducir", Gadamer nos empurra para o *abismo* da interpretação, afirmando que "entranha a tradução todo o mistério da comunicação social e da compreensão humana" (apud Larrosa, 2004:66). Tal afirmação, aparentemente, faz com que consideremos a prática da tradução como fato extremamente obscuro, principalmente, se nos influenciarmos pela palavra *mistério*. Na verdade, o que o filosofo nos oferece é uma reflexão sobre a tradução que não permanece isolada no âmbito de estudos que se preocuparam ao longo dos anos em resolver problemas práticos e teóricos de tradução, ignorando a questão da leitura, da interpretação e da impossibilidade de explicitar a recepção – lembremos, a esse propósito, a *equivalência dinâmica* de Eugéne Nida, com seu modelo de tradução focada na produção do efeito equivalente da mensagem sobre o receptor, como se fosse possível uma equivalência de interpretação no tempo e no espaço. Essa é uma pretensão dogmática, pois "mesmo o texto mais denso e a exegese mais lúcida nunca são completos. Sempre haverá lacunas, espaços para diferente interpretação e variável recepção. Aí se encontra a energia do texto" (Gentzler, 2009:85). Gadamer nas suas especulações filosóficas preocupou-se sempre com a "leitura", com a experiência da leitura, indagando sobre fatos sobre os quais nunca paramos para pensar e, por isso mesmo, nos parecem desconhecidos (Larrosa, 2004). Lemos no capítulo 12 de *Verdade e método*, intitulado "A linguagem como meio da experiência hermenêutica", uma passagem clara sobre a questão do não isolamento epistemológico em questão de tradução, sobre a indissociável relação, ou até mesmo considerando a tradução como um dos processos da interpretação, da leitura:

> o exemplo do tradutor que tem que superar o abismo das línguas mostra com particular propriedade a relação recíproca que se desenvolve entre o intérprete e o texto, que se corresponde com uma reciprocidade do acordo na conversação. Todo tradutor é intérprete. Que algo esteja em uma língua estranha não é senão um caso extremo de dificuldade hermenêutica, isto é, da estranheza e a superação da estranheza. A tarefa própria do tradutor não se distingue qualitativamente, mas apenas gradualmente, da tarefa hermenêutica geral que propõe qualquer texto. (apud Larrosa:65)

Já Steiner, em *After Babel*, intitulava o primeiro capítulo do seu livro "Compreender é traduzir" e no prólogo da segunda edição do mesmo livro afirma que "a tradução se acha formal e pragmaticamente implícita em todo ato de comunicação, na emissão e recepção de qualquer modo de significado. […] compreender é decifrar. Ouvir um significado é traduzir".(apud Larrosa:64)

Como podemos verificar, Steiner, que lidou de maneira relevante e abrangente com a teoria de Chomsky, precede Gadamer na intuição da tradução como modalidade de leitura/compreensão/interpretação. Partindo, pois, dessa intuição, consideraremos a tradução segundo o arcabouço teórico da tradução como transformação/atribuição de significação, segundo, no entanto, uma ótica não binária texto-fonte/texto-alvo. Mas já segundo Niranjana, a tradução de um texto influencia o próprio texto-fonte, a própria cultura fonte. Tal abordagem não pretende considerar tais influências entre o texto-fonte e o texto-alvo de maneira negativa ou positiva, impregnada por uma qualquer orientação política. Considerará as interferências, os diálogos, as contaminações, levará em conta o fato de uma tradução não ser um fato isolado. Um pouco segundo as considerações feitas por Lambert e Clem Robyns (in *Teorias Contemporâneas da Tradução*, Gentzler, 2009) que "nenhuma tradução pode ser tratada isoladamente. Pelo contrário, elas são ao mesmo tempo o resultado e o ponto de partida de onde veremos os processos semióticos em ação, na formação de práticas discursivas" (Gentzler, 2009: 235). Segundo Lambert, "todo texto, toda palavra, contém elementos 'traduzidos'". Nessa perspectiva, que mais do que diacrônica, pode ser definida como epistemológica, coloca de acordo vários autores que enfrentaram problemas de tradução desde o período pós-estruturalista até os nossos dias.

Encarando a tradução – como já afirmado – como movimento não mais binário, parece-nos inevitável considerar no nosso horizonte de análise em âmbito tradutológico as palavras de Else Ribeiro Pires Vieira, que explicita bem essa *saída* do modelo platônico do Mesmo:

> Uma terceira dimensão, ou tomando de empréstimo um dos famosos títulos de Guimarães Rosa, "A terceira margem do rio", em lugar de binarismos excludentes, informa uma visão de uma transformação bilateral que opera no limiar do doar e receber, um encontro num terceiro que permite a continuidade e a transformação de um passado. (Vieira, 1996:63)

Saindo de e entrando em questões epistemológicas inerentes ao processo e ao produto da tradução, frequentemente, é deixada de lado a identidade do tradutor que é solicitado nessa prática. As premissas, aqui tecidas, sobre a definição do nosso campo de estudo foram explicitadas com a intenção de fundir as problemáticas tradução-tradutor, de considerar o problema da resemantização como um problema de identidade e alteridade, como um problema que leva todo o debate sobre a tradução a um nível que é cultural, de construção de identidade do sujeito tradutor. Tal especulação faz-se com a intenção de (de)-mo(n)strar a fusão entre línguas-culturas não só no resultado final da tradução, mas também no sujeito tradutor que vive na instabilidade das línguas, das culturas (Coracini, 1998; 2001;2003;2007;2010. Que vive na hibridação linguística e cultural que é geral – pensando no nosso mundo globalizado, pós-colonial, fagocitado e fagocitante, canibalizado e canibalizante – e que também é pessoal, forjadora da identidade de quem vive numa tradução contínua. Digamos que, apesar de vivermos todos em constante tradução como já visto em Gadamer e Steiner (para não falar de outros), o problema do tradutor-intérprete é que ele tem a consciência disso, a consciência de traduzir tudo o tempo todo.

Considerando ainda a tradução como interpretação e considerando "a semelhança fundamental entre leitura e tradução" (Larrosa, 2004) orientamo-nos em direção ao eu-tradutor com algumas palavras de Bakhtin que com os *seus* possessivos explicita a questão da identidade construída na alteridade a partir da palavra aberta sempre a novas significações:

> Embora não saibamos da mesma tudo o que pode nos dizer, a introduzimos em novos contextos, a aplicamos a um novo material, a colocamos em uma nova situação para obter dela novas respostas, novas facetas quanto a seu sentido e novas palavras próprias (porque a palavra alheia produtiva gera em resposta, de maneira dialógica, nossa nova palavra. (apud Larrosa, 2004:106)

Não parece ter *consciência* disso, da *palavra aberta*, a protagonista de *Simultan* de Ingeborg Bachmann, quando procura a "perfeição", que, para ela é a equivalência automática das palavras como prova de perfeita capacidade de passar palavras, frases, textos de uma língua para outra. Sinto-me fatalmente identificada com essa protagonista/tradutora simultânea – do ponto de vista da superstição que envolve as palavras do dicionário – que, no final do conto de Bachmann, recolhendo as últimas coisas do quarto de um hotel, vê uma bíblia e, pensando que pertença ao seu companheiro de quarto e de viagem, coloca-a na bolsa. Na dúvida, porém, que o livro não pertencesse a ele, tira-o

4 Docente de Língua e Tradução Portuguesa e Brasileira, Unisalento, Facoltà di Lingue e Letterature Straniere, Dip. di Lingue e Letterature Straniere, Via Taranto, 35, 73100, Lecce, Itália, kdeabre@hotmail.com

da bolsa e abre-o de maneira supersticiosa, exatamente como geralmente faz com os seus dicionários, procurando "a palavra" para iniciar o dia, para ajudar a esclarecer questões. A comparação entre dicionário e Bíblia, como se o dicionário fosse o evangelho para um tradutor, é extremamente eficaz como metáfora da necessidade para o tradutor de um "guia" para "iluminar o seu caminho" na decodificação. De fato, para os tradutores, o dicionário é um guia, mas um guia que indica vários caminhos e é o tradutor que deverá escolher esse ou aquele, que deverá decidir a "sua própria palavra" para dar significações novas em contextos diferentes. Como quando na escola o professor pede ao aluno que "explique com as *suas* próprias palavras" um texto. Quando li o conto de Bachmann me senti quase ridícula, pensando que todas as vezes que abro o meu Aurélio eletrônico pela primeira vez numa determinada jornada de trabalho, de maneira supersticiosa, guio-me pela primeira palavra que aparece na tela do computador...

Nadja não parece ter consciência da contínua atribuição de sentido que um texto adquire com a leitura, com a tradução. A protagonista de *Simultan*, Nadja, quando se desespera, lendo uma das páginas escolhidas dessa Bíblia encontrada no hotel, decide traduzi-la e ao fazê-lo começa a chorar, pensando que

> Non sono abbastanza brava, non riesco in tutto, sono ancora lontana da riuscire in tutto. Non sarebbe mai stata capace di tradurre quella frase in nessun'altra lingua, sebbene fosse convinta di sapere il significato di ciascuna di quelle parole e come andavano usate, e tuttavia non sapeva di quale sostanza quella frase fosse fatta in realtà. Non riusciva in tutto, appunto. (Bachmann, 1980: 44)

Talvez, a angústia de Nadja pertença àquela "dicotomia língua materna/língua estrangeira" que na verdade "se interpenetram na constituição da subjetividade" como formula Coracini (2007), em *A celebração do outro, arquivo, memória e identidade*. Talvez, a rigidez do seu trabalho de tradutora simultânea, que tem que verter noutra língua constantemente as palavras de *outro*(s), "corretamente", "perfeitamente", numa equivalência pragmática de comunicação eficaz, tenha levado Nadja a um automatismo que esvazia a própria mente:

> Era proprio uno strano meccanismo il suo, viveva senza un solo pensiero in testa, immersa nelle frasi degli altri che immediatamente doveva ripetere come una sonnambula, ma con suoni diversi: di "machen" sapeva fare to make, faire, fare, hacer e delat', era capace di girare ogni parola come su un rullo per ben sei volte, soltanto non doveva pensare che machen significava veramente machen, faire faire, fare fare, delat' delat', questo avrebbe reso la sua testa inservibile e lei doveva stare molto attenta a non venire un giorno travolta da quella valanga di parole. (Bachmann, 1980: 23)

"travolta da quella valanga di parole", palavras, talvez, sem significado. Ela não tinha que pensar, não tinha que pensar no significado das palavras para poder sobreviver no meio de tantas línguas, de tantos significados. E isso acontece exatamente porque cada palavras está já cheia de significado, não individual, coletivo, no sentido do uso em sociedade.

> A palavra não pode ser entregue apenas ao falante. O autor (falante) tem os seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas o ouvinte também tem os seus direitos; têm também os seus direitos aqueles cujas vozes estão na palavra encontrada de antemão pelo autor (porque não há palavra sem dono). (Bakhtin, 2006: 328)

Nos nossos discursos há a nossa *voz,* impregnados de outras vozes, de outros discursos. A quem pertence a *nossa* palavra, o *nosso* texto, o *nosso* discurso? Construímos a nossa produção linguística com a matéria de que é feita: a língua. De que língua estamos falando? A *nossa* língua, a língua materna. No nosso discurso cotidiano usamos as palavras dos nossos pais, dos nossos avós, dos nossos governantes, dos nossos filhos, dos nossos professores... Tudo isso é plágio, talvez? Estamos falando de direitos autorais? Mas, quem é o autor? Somos todos autores e ao mesmo tempo intérpretes, tradutores de palavras alheias. É na relação dialógica que tudo se constrói, que o nosso texto se contrói. A nossa identidade se constrói a partir o outro. Eu e tu, numa construção contínua de identidade(s), de palavras, de discursos, de sentidos. "se não esperamos nada da palavra, se sabemos de antemão tudo o que ela pode dizer, ela sai do diálogo e se coisifica" (Bakhtin, 2006:328). Mais uma vez, Bakhtin nos alivia do peso do dicionário, lá não estão todos os significados possíveis. Somos nós *autores (falantes)* que continuamos, perpetuamos a atribuição de sentido, nos diferentes discursos, nos diferentes contextos, nas diferentes situações, históricas, geográficas. E, portanto, a tradução interlinguística perpetua essa produção na transposição de palavras, textos, discursos, de uma língua para a outra.
Quem é esse autor-falante-tradutor? Com que língua lida? Que cultura tem dentro de si e leva consigo? Que relacionamento tem com o texto e o autor do texto?

> Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente. (Bakhtin, 2006: 330)

"Soam concomitantemente", essa concomitância, essa simultaneidade de palavras, que faz com que tenhamos que "escolher" as palavras que se acavalam na nossa mente, esse é o problema da expressão, da verbalização. Nadya, em *Simultan*, é uma tradutora simultânea, traduz "simultaneamente", isso é isso, aquilo é aquilo. Chega. Não tem que pensar, dessa forma as línguas ficam separadas, de maneira definitiva (Babel!?). Não há contaminação, cadeira é sedia. Palavra é parola. Chega. A simultaneidade de palavras nos deixa afásicos. Antes da escolha da palavra no *abismo* das línguas, não temos nenhuma palavra. Mesmo quando sabemos que cadeira é sedia, naquele contexto, talvez, não temos que traduzir assim e não sabemos o que dizer, o que escrever. Não falamos, não escrevemos, ficamos "sem palavras", na simultaneidade delas. A simultaneidade leva ao mutismo, à afasia. É o que acontece com Nadya.

Como vimos, a interferência de diferentes significados numa palavra, a interpretação inevitável que está contida em cada palavra, a tradução contínua que fazemos do mundo são parte da nossa vida-em-sociedade, da nossa vida de falantes-ouvintes-interpretantes-tradutores-intérpretes. Como podemos separar tudo isso do trabalho de tradução interlinguística? Como podemos não considerar todas as influências linguísticas que sofremos cotidianamente e ao longo da nossa vida? Eu-tradutora português-italiano e vice-versa não tenho certeza que deixo as coisas separadas, que cadeira é sedia. Não tenho certeza da pureza do *meu* português e do *meu* italiano. São os dois *meus* e por isso carregados de influências linguísticas e culturais da cultura-língua que atravesso ao longo da minha vida. Quais são as vozes que escuto quando faço uma tradução? Quais são os meus modelos literários?

A tradução do português para o italiano não é a tradução ideal, porque não é a tradução na minha língua materna. Quando faço uma tradução para o português, o texto sofre invevitavelmente das influências do meu contexto de vida, da língua que ouço continuamente. Vivo numa situação híbrida contínua. O que faço na tradução em italiano ou em português é forjar um modelo "ideal" na literatura-língua outra na multiplicidade da própria língua, da própria identidade linguística e cultural. A minha, geralmente, é uma tradução imprópria que tem como língua alvo a língua estrangeira. É uma tradução que joga e se determina no espaço de contaminação entre duas línguas-culturas; no espaço flúido, porque pessoal no sentido da experiência linguística e cultural única, de cada um. Quais são as consequências de uma tradução "imprópria"?

Faço o exemplo da tradução do poema *Oração pelo poema*, de Alberto da Cunha Melo em italiano. Na apresentação da edição italiana do livro escreve Cláudia Cordeiro:

> É em português e italiano a primeira edição de um áudio livro desse escritor, sociólogo e jornalista pernambucano. Reinaugura-se, assim, com tessitura inédita a "estranha beleza" (BOSI, 1999) da arte de Alberto da Cunha Melo e reitera-se, aqui, o valor e a verdade de sua arte, que transcende à sua emigração em 13 de outubro de 2007 atravessando as fronteiras da língua de Camões para conquistar os da língua de Dante (no prelo).

Nas palavras da crítica literária e esposa do autor ecoam aquelas ideias, aqueles conceitos sobre a revitalização da palavra escrita ou dita, sobre a palavra aberta que resulta em textos, em discursos. A "tessitura inédita" revela o trabalho de re-elaboração, re-significação, com as linhas de Alberto da Cunha Melo teceu-se o novo texto, produzindo um novo efeito, um novo som e uma nova matéria. O Poema de Aberto da Cunha Melo é já uma tradução de uma tradição poética e filosófica que, de maneira inevitável, foi absorvida e metabolizada pelo autor. Tradição outra, tradição estrangeira e tradição nacional, o Nordeste da tradição clássica que menos sofreu as "tentações" do Modernismo do sul do país. Com a tradução em italiano, parte da tradição estrangeira volta à origem, volta ao velho mundo. Percebemos a vida em mutação através da tradução: é a viagem de ideias, de modelos poéticos e filosóficos, dos clássicos do velho mundo para uma língua portuguesa-em-movimento falada-escrita no Brasil sincrético e mestiço, que continua por meio da tradução em italiano. A tradução desmonta, monta e remonta num processo de perpetuação e inovação (pensemos à semiose ilimitada, Lambert e Robyns e em Eco para quem a tradução é idêntica à cultura, concebida menos como um fenômeno estático do que como uma interminável tradução de signos para signos).

Retomemos aqui a questão da escrita já como tradução para melhor esclarecer e fundamentar a tese da identidade fluida do tradutor, uma identidade que se constrói na própria língua-cultura e na lingua-cultura do outro. Identidade que se assume também como alteridade, na multifacetação das possibilidades, como um ritual antropofágico na perpetuação das características do *outro*, do inimigo. Nas cartas entre Guimarães Rosa e o seu tradutor italiano, Edoardo Bizzarri,

encontramos as orientações de Guimarães sobre a escritura, sobre a tradução e o relacionamento autor-tradutor. São orientações abertas à contaminação, à recriação:

> Eu, quando escrevo um livro, vou fazendo como se o estivesse "traduzindo", de algum alto *original*, existente alhures, no mundo astral ou no "plano das ideias", dos arquétipos, por exemplo. Nunca sei se estou acertando ou falhando, nessa "tradução". Assim, quando me "re"-traduzem para outro idioma, nunca sei, também, em casos de divergência, se não foi o Tradutor quem, de fato, acertou, restabelecendo a verdade do "original ideal", que eu disvirtuara..." (Rio, 4 de dezembro de 1963:74)

e ainda: "eu 'continuo', no texto seu italiano, e, não duvide, em muitas passagens me sinto superado, ultrapassado" (Rio, 5 de abril de 1963:14); "não se prenda estreito ao original" (Rio, 4 de dezembro de 1963: 75)

Onde está o original, então? Escritura e identidade misturam-se nas palavras dos escritores: "eu 'continuo, no seu texto italiano", diz Guimarães, refletimo-nos na nossa língua, na nossa linguagem. A língua somos nós, a linguagem contém a nossa identidade que se forma a partir da linguagem de outros. Como vimos, ao longo da nossa reflexão, as palavras se revitalizam continuamente através da atribuição de sentido. Então, essa identidade é sempre híbrida, é sempre em formação porque reflexo e refletida na língua, no texto, no discurso. Podemos dizer que quando falamos de identidade estamos falando de língua:

> [...]assumo identidade a partir de teorias do discurso e da psicanálise que a concebem como instável, sempre em movimento, heterogênea e conflituosa, ou melhor, como ilusão ou "sentimento de totalidade que torna presente o que está ausente e temporalmente adiado. (Coracini, 2007:198)

Parece que estamos a falar de tradução nas palavras de coracini. Essa hibridação linguística, essa hibridação identitária é uma realidade das línguas e dos humanos. Um "eu" que traduz e está sempre *in mezzo* de línguas, de identidades, de histórias, que vive na hibridação consciente que não há pureza, ou que talvez a pureza é somente a capacidade de se exprimir a liberdade de nos *re*-apropriarmos de tudo o que é ao nosso redor, pelo menos momentaneamente. Dessa forma temos a impressão da totalidade. É a maneira de superar a nossa grande parcialidade de tudo, da linguagem, do sentimento, da razão. Um "eu" que traduz da sua língua materna para uma língua estrangeira e vive completamente na língua/cultura do outro, é provavelmente um tradutor sem fronteiras, sem passaporte, uma espécie de clandestino que se autoriza sozinho.

Eu-tradutora não da cultura do *outro*, mas eu-tradutora da *minha* língua/cultura para a língua cultura do *outro*, que também é a *minha*. Será, talvez, delírio de posse do tradutor?

Referências Bibliográficas

Bachmann, Ingeborg. 1980. Simultaneo. In: Bachmann, Ingeborg. *Tre sentieri per il lago e altri racconti*. Tradução italiana Amina Pandolfi. Milano: Bompiani. p. 9-45.

Bakhtin, Mikhail. 2006. *Estética da Criação Verbal*. Tradução brasileira Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.

Coracini, Maria José. 1998. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade. *Letras & Letras*. v. 14, n.1. Uberlândia: UFU, p. 153-170.

Coracini, Maria José (Org.). 2001. *O jogo discursivo na aula de leitura (Línga materna e língua estrangeira)*. Campinas: Pontes.

Coracini, Maria José. 2007. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. São Paulo: Mercado das Letras.

Coracini, Maria José; Bertoldo, Ernesto S. (Orgs.). 2003. *O desejo da teoria e a contingência da prática – Discursos sobre/na sala de aula*. Campinas (SP): Mercado de Letras.

Coracini, Maria José. 2010. A (auto-)censura na tradução: uma questão de identidade. In: Lima-Hernandes, Maria Célia; Chulata, Katia de Abreu (Orgs.). *Língua Portuguesa em foco: ensino-aprendizagem, pesquisa e tradução*. Lecce: PensaMultimedia. p. 179-190.

Eco, Umberto. 2004. *Dire quasi la stessa cosa, Esperienze di traduzione*. Milano: Bompiani.

Gentzler, Edwin. 2009. *Teorias Contemporâneas da Tradução*. Tradução brasileira Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras. Lambert, José; Robyns, Clem. 2004. Translation. In Posner, Roland et al. *Semiotik. Ein Handbuch zu den zeichentheoretischen Grundlagen von Natur und Kultur*. Berlin-New York: Walter de gruyter. v. 4. p. 3594-3614.

Larrosa, Jorge. 2004. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Tradução brasileira Cynthia Farina. Belo Horizonte (MG): Autêntica.

Leopardi, Giacomo. 2004. *L'arte dello scrivere. Pensieri sull'alfabeto, la scrittura e lo stile*. Milano: Marinotti.

Melo, Alberto da Cunha. 2003. *Dois Caminhos e uma oração*. São Paulo: A Girafa.

Niranjana, Tejaswini. 1992. *Siting Translations: History, Post-Structuralism, and the Colonial Context*. Berkeley: University of California Press.

Rosa, Guimarães; Bizzarri, Edoardo. 1972. *J. Guimarães Rossa correspondência com o tradutor italiano*. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-brasileiro.

Vieira, Else Ribeiro. 1996. *Revista de Estudos de Literatura*, outubro, v. 4, p.61-80. Belo Horizonte. Disponível em http://www.letras.ufmg.br/poslit, acesso em: 12 fev. 2011.

APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS NO ENCONTRO INTERLINGUÍSTICO – UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE TRADUÇÃO

Margarida – Wang Xiaoyan[5]

RESUMO: Este artigo pretende desenvolver uma reflexão sobre as dificuldades que se presentificam na tradução entre o português e o chinês, ilustrando o facto de que os obstáculos nesse processo muitas vezes não só se envolvem as línguas em si, mas também as culturas nas quais estas se enraizam. À luz dessa visão, é mister que se revele o papel inprescindível tanto da análise semântica e pragmática quanto da interferência sociocultural e interlinguística na prática e no ensino de tradução e interpretação. Será por conseguinte, realizado estudo de caso no que tange aos desvios e estranhamentos provenientes da transferência da Língua Materna(LM) na tradução de aprendentes de Português-Língua Estrangeira(PLE) em nível elementar/intermediário/avançado. Baseando nos resultados de investigação, tenta-se discutir a transferência positiva e negativa da LM na tradução, reflectindo ao simultâneo métodos e estratégias aplicados no processo didático de PLE num panorama intrelinguístico e intrecultural.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução, interferência sociocultural, semântica e pragmática, transferência da LM, ensino de PLE.

> Words in other languages are like icebergs: The basic meaning is visible above the surface, but we can only guess at the shape of the vast chambers of meaning below.
>
> -Frank Bures
>
> *The pleasures of traveling and learning foreign languages*

Não é um caso raro quando aprendemos uma língua estrangeira(LE): Está a tirar uma ideia de um mundo e transportá-la para o outro. As formas das palavras, os perfis das ideias, só que não se "habitam" bem no novo ambiente. Apesar de se ter tentado ao máximo transmitir exatamente o que **parece** significar as palavras e as ideias, a tradução fica insatisfatória e até ininterpretável.

As ideias transformadas em outra língua parecem-nos esconder sempre atrás de um véu. Talvez possamos encontrar a explicação convencível nas palavras de Fromkin: "podemos inventariar as palavras num dicionário mas o mesmo já não podemos fazer para todas as frases possíveis e uma língua é constituída não só por palavras mas também por frases possíveis"(Fromkin, Rodman, 1993: 30).

No entanto, há sempre vozes diferentes. Como alega Gulliver[6] que nós compreendemos frases porque sabemos o significado de cada palavra e *conhecemos as regras que regem a combinação dos significados das palavras*. Gulliver não parece estar ciente disso:

> ...Organizei todas as minhas palavras por ordem alfabética de interpretações. E assim, em poucos dias, e com a ajuda de uma memória muito fiel, consegui penetrar de certa forma na sua língua.

Se alguma vez estudarmos uma LE teremos de aprender não só o significado das palavras mas também a maneira de as combinar formando frases com significado. Aprendermos as palavras de cor não será suficiente.(Fromkin, Rodman, 1993: 199)

Como já se referiu que conhecer uma palavra significa conhecer os seus sons e significados(e no caso de tradução, os seus significantes). Ambos os aspectos são necessários pois algumas vezes o mesmo som pode ter significados diferentes. Chamam-se **homónimas** ou **homófonas** as palavras que se pronunciam da mesma maneira mas têm significados diferentes, embora estas possam ter ou não a mesma ortografia.(...) Por tal, os homófonas podem dar muitas vezes origem à ambiguidade. Uma palavra, ou uma frase, é ambígua se puder ser entendida ou interpretada de mais de uma maneira diferente. (Fromkin, Rodman, 1993: 183)

Vemos, pois, que uma palavra pode ter vários significados em algumas frases mas apenas um único significado noutros contextos e que os factores determinantes de tais ocorrências são as propriedades semânticas quer dos outros componentes da frase, quer da estrutura da mesma.

Estes exemplos de homónimos e de frases ambíguas demostram que não há uma relação de correspondência linear entre sons e significados de uma palavra que nem sempre se pode determinar o significado preciso de uma palavra apenas através dos sons. Este facto é mais uma prova da arbitrariedade da relação som-significado existente numa língua e da necessidade que temos durante o processo de aprendizagem de uma língua de aprender a relacionar sons e significaodos.(Fromkin, Rodman, 1993: 185)

Baseando nesta teoria , fez-se um teste numa turma dos alunos do ensino secundário, que já se têm ensinado sistematicamente o português pelos professores portugueses desde o ensino primário, entretanto, ainda com o domínio limiar da língua. Para analisar quanto e como é que o **Texto de Partida**(chinês nesse caso, abreviado por TP daqui em diante) vai influenciar o **Texto de Chegada**(português nesse caso, abreviado por TC daqui em diante), resolveu-se escolher o verbo "吃"（comer） em chinês para os alunos fazerem um exercício de tradução em contextos distintos. Pois o verbo comer em chinês, depedendo das diferentes combinações de complementos, ou seja, objecto directo do verbo, pode se interpretar em significados diferenciados, o que se ilustam nos exemplos seguintes, com as traduções dos alunos em itálico:

(1). 你 每 三 个 小时 就
Tu cada três classificador hora expressão de ênfase
要 吃 一 次 这 种 药。
querer,pedir,dever comer uma vez este tipo remédio
(A). *Tu tomadas este medicamento um vez de três em três horas.*
(B). *Você a cada três horas vai comer esta droga por vez.*

A tradução correcta para o enunciado (1) é: Deves tomar o remédio de três em três horas. Podemos anotar imediatamente a agramaticalidade da influência do TP em ambas traduções, aliás, estas afectam o TC de modos diferenciados. Na tradução (A), o aluno confundiu o presente do indicativo com o particípio do verbo enquanto na (B) , a tradudora caiu na armadilha e veio a escolher o verbo "comer"conforme o sentido literal do chinês. Porém, constata-se uma falha em comum que é a transmissão de "vez"fielmente de chinês para português, o que será desnecessária neste contexto com a expressão de frequência "de três em três horas". E na comparação das duas versões, verificamos que (B) está afectada mais pelo TP, desde que segue "tintim por tintim"a estrutura do mesmo, quer morfologica quer sintacticamente. Podemos então reprovar a teoria de Gulliver, pois apesar de conseguir transmitir significado de todas as palavras do enunciado, a frase (B) fica questionável e agramatical.
Agora vejamos mais um exemplo:

2. 车 内 禁 止 饮 食。
carro,veículo interior proibir parar beber comer

(A). *É proibido dieta no dentro de veículo.*
(B). *O veículos é proibio comer e beber.*

Neste caso, o verbo em chinês é um pouco diferente do último exemplo, mas só graficamente, pois"食"é o sinónimo de "吃", só que é a forma erudita do último. E a tradução correcta será: É proibido comer e beber dentro do veículo. Desta vez as duas versões revelaram-nos alguns indícios interessantes. No exemplo(A), a frase está bem-estruturada, só que o aluno não conseguiu compreender nitidamente o sentido pragmático de "dieta", o que resulta nessa substituição, e ainda mais um erro acerca da preposição"em", que só se pode seguir dos nomes ou na construção de "em cima de..."e "em baixo de...", *et al.*, e no dito caso, convém usar-se a locução preposicional de *dentro de*, ou se quisermos manter a preposição *em*, temos a alternativa de segui-la de um sintagma nominal como o interior do veículo. E é importante consciencializar-se sempre do facto de que a tradução nunca é e tampouco deve ser uniforme, desde que se completa a tranferência de ideias correctas e precisas. Voltamos ao caso de (B), o problema é, mais uma vez, restringir-se demasiado à ordem sintáctica do TP e optou por escolher o "veículo"como o sujeito, aliás a razão subjacente pela qual causou esta confusão é a falha na distinção dos constituintes, ou seja, nesse caso a distinção mal-sucedida entre o sujeito e o oblíquo. Porém, desta vez, talvez não se possa atribuir à influência do TP, pois em mesmo chinês, "车内"(carro,veículo;interior) aqui no contexto refere-se a um oblíquo de lugar, apenas com omissão da preposição "在" （em）antes do oblíquo, o que é normal numa linguagem consiça mas bem corrente num contexto de um slogan como o exemplo em questão.

Se podemos concluir que os últimos dois sentidos aplicados do verbo "吃"(tomar no primeiro e comer no segundo) estão ainda ligados (mais ou menos) ao significado original do verbo *comer* e só se modificam em diferentes contextos

5 Escola Superior de Língua e Tradução, Instituto Politécnico de Macau
6 In: Fromkin, Rodman, 1993: 199

semânticos no TP, o exemplo citado em diante será distinto. Ou seja, com significado de estensão do mesmo verbo em contexto diversificado.

3. 他 没 听 我的 劝告， 结果 吃
Ele não ouvir meu conselho resultado comer
了 很 大 的* 亏。
indicador do pretérito perfeito muito grande *(explicação abaixo) perda
(A). *Ele não tinha ouvido o meu conselho, como resultado, ele teve sofrer perdas.*
(B). *Ele não ouvi o meu conselho,resultado comer um grande de perda.*

Observa-se nesses dois casos que, a dificuldade reside-se inclusivamente na segunda oração final. A tradução aceitável será: Ele não tinha ouvido o meu conselho e(por isso) sofreu grande prejuízo. Primeiro, o problema do tempo verbal, que é, de modo geral, uma das maiores barreiras na tradução do chinês para o português, devido ao facto de que o primeiro não tem flexão verbal. Em (A), o aluno emprega os verbos em pretérito mais-que-perfeito composto e pretérito perfeito, conseguindo construir uma ordem temporal anafórica de um modo correcto, mas falhou na aplicação do verbo auxiliar *ter* na construção do pretérito perfeito, o que advém da escassez do conhecimento gramatical a respeito, aliás, está consciente em usar os tempos verbais apropriados consoante a afirmação do próprio aluno na aula. Em contrapartida, no enunciado (B), já se mostra uma grande falta do domínio gramatical acerca do tempo verbal, que se envolve nesse caso conjugação errada tanto pessoal como temporal. Ainda acerca de verbo, para além das conjugações caóticas, vale notar a"cópia fiel"de "吃"(no sentido de comer) nesse contexto na tradução (B), ignorando o significado já modificado em virtude da combinação do objecto, quer no TP quer no TC. Fora dos verbos, convém indicar que nem em (A) nem em (B) se usou conjunção adequada, supostamente uma conclusiva nesse caso, o que não é nada raro nas traduções de chinês para português, e o diagnóstico nem é complexo: o chinês é parataxe e o português, hipotaxe. Isto quer dizer que o chinês usa-se muito menos elos de ligação na construsão frásica e textual enquanto estes são indispensáveis numa língua hipotaxe como português e muitas outras línguas românicas.

No âmbito morfológico, podemos verificar que em ambos os casos, traduz-se directamente o "resultado" conforme o TP, mas o resultado daqui é distanciado: em (A), adciona-se uma conjução *como*, tornando a frase aceitável e coerente, apesar de ter cometido outros erros gramaticais. Se assim podemos reconhecer a aceitabilidade da (A), a situação da (B) já não é tão optimista, pois as duas orações estão completamente soltas, tornando então ininterpretável e incoerente. Mostra-se ainda o abuso de preposição "de"em (B) também oriundo da "colonagem"do TP do morfema "的*". A natureza deste morfema é complicada e complexa, que o permite ter em muitos contextos o traço de possessivo na construção pré-nominal, E.g, "我的猫", "我"(eu) quando segue de "的", tornar-se-á em adjectivo possessivo *meu* (equivalante a *de eu, de mim*[7]),ou seja, ganha a forma genitiva, e "猫"é gato. Formam-se então em conjunto o sintagma nominal de "我的猫", i.e, o meu gato. Todavia, no enunciado citado , o morfema "的*" segue de um adjectivo em vez de pronome, ganhando assim a característica determinante no complemento determinativo "大的" （grande）na posição pré-nominal, constituindo dessa forma o SN "大的亏"(grande perda; prejuízo) .

Por último, um fenómeno que surge com grande frequência em português mas se encontra muitas vezes ignorado na tradução de chinês para este, que é o *elipse dos pronomes* , também se evidencia em (A) com repetição de *ele* em ambas as orações. No entanto, isso não advém da influência do TP, visto que em chinês, também existe este fenómeno gramatical,e que não é nada incomum na língua corrente. Na realidade, o que deu origem a esse tipo de repetição, ao meu ver, está ligado à intenção consciente ou não de enfatizar a conjugação pessoal do verbo em causa, dado que, como se referiu, não há dada reflexão em chinês, o que leva os falantes não nativos evitar o elipse dos sujeitos para facilitar a construção correcta da enunciação.

Conclusão:

I. Como sabemos que o Chinês e o Português são línguas muito diferentes em vários termos, em particular na gramática. Isso levamos em consideração de que no processo didáctico a importância crucial de indicar aos alunos já no início de aprendizagem essas diferenças, o que não se realizou neste caso com a turma em questão, e talvez explique de algum modo a grande confusão gramatical e a incompetência na transformação de duas línguas, mesmo após anos de estudo da língua.

7 A respeito d e características dos possessivos em português, Cf. a tese de Ana Maria Brito, intitulada de Os possessivos em português numa prespectiva de sintaxe comparada, 2003.

Agora o que entrou no jogo é uma questão polémica que se coloca desde há muito tempo na prática do ensino, que é a necessidade ou não de recorrência à colaboração dos professores da língua materna no ensino de LE. Há quem diga que a interferência dos professores nativos é muito mais importantes do que a dos professores não nativos, de tal modo que esses últimos podem ser dispensáveis. Baseando nessa teoria, já se começa a prática do ensino exclusivo encarregado pelos docentes nativos de LE.

É índiscutível que não podemos desprezar de maneira nenhuma o papel fundamental dos professores nativos na construção do ambiente autêntico linguístico na aula, aliás, esta tentativa referida só funciona mais vantajosamente nas duas circunstâncias: primeira, o ensino da LE na fase precoce de aquisição dos conhecimentos lingísticos, como exemplos das crianças oriundas das famílias bilingues ou aqueles que têm experiência de viver desde pequeno num país estrangeiro; segunda, o ensino da LE dirigida aos alunos com um domínio de nível razoável de uma terceira língua, o que se conta com, muitas vezes, o inglês. Nesse caso, esta terceira língua funciona como uma bengala na aquisição da LE. Salvo esses dois contextos, diria que o papel dos docentes da língua materna dos alunos não é nada menos importante do que o dos professores nativos da LE, e antes, indispensável.

II. Quando se refere às técnica e estratégia no ensino da LE, podemos justificar mais uma vez a importância de contextualização, i.e, os professores nunca devem introduzir aos alunos uma palavra ou uma frase descontextualizada, senão, provocaria cedo ou tarde confusão no processo de aprendizagem.

III. A tradução exige um conhecimento profundo, ou pelo menos, razoável da LP, o que muitas vezes, mesmo de um modo inconsciente, afecta a transmissão de ideias para uma outra língua.

Bem como indica João Barrento em *O Poço de Babel* (2002), alertando a importância de uma boa preparação antes de se efectuar uma tradução, assim como para os problemas com que o tradutor se pode deparar. E para se aventurar numa realidade linguística e cultural desconhecida, muitas vezes não basta dominar as línguas de partida e chegada, mas também possuir competências de análise e de transferência.

A primeira abordagem ao TP consiste na sua interpretação rigorosa, dentro do seu lugar e do seu tempo, do modelo cultural e linguístico a que pertence, e do todo o contexto em causa. O próximo segmento será uma análise complexa no sentido **linguístico, contextual** e até **cultural.** Dado que a barreira cultural, muitas vezes pode originar a várias distorções do sentido, seja pelo desconhecimento da cultura de partida, ou pela dificuldade em adoptar um enquadramento mental diferente, ou pela inexistência de analogias na cultura de chegada. O estrato lexical é mais evidente apenas na aparência: implica escolhas, as quais podem alterar o sentido global do texto, ou suprimir referências culturais. Além disso, deve ser utilizado um léxico adequado ao contexto e ao registo do texto. A sintaxe está relacionada com o registo e pode alterar o sentido da frase. E por último, o nível pragmático determina o uso e recepção do texto, e influencia a forma como este é traduzido, pois implica a adaptação deste a certas condicionantes. Só após sermos totalmente apetrechados assim, é que se torna aplausível vislumbrarmos o rosto real das ideias atrás do véu.

Referências Bibliográficas:

BARRENTO, João, *O poço de Babel- Para uma Poética da Tradução Literária,* sl: Relógio D` Água ,2002.

FERNANDA, Mussalim *et al*, *Introdução à Linguística,* V I, II e III, 5ª ed, São Paulo: Cortez, 2006.

FRANMKIN. V e RODMAN. R, *Introdução à Linguagem*, Trad de Isabel Casanova, Coimbra: Livraria Almedina, 1993.

ISABEL, H. F, EMÍLIA, R. P *et al*, *Introdução à Linguística Geral e portuguesa*, 2ª ed, Lisboa: Caminho, 1994

MARIA, A. B, *Os possessivos em português numa prespectiva de sintaxe comparada* , sl:2003.

MARIA, M. H *et al*, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 2003.

HENRIQUETA, M.C.C e FRANCISCA, M. X, *Sintaxe e Semântica do Português,* Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

NOAM, Chomsky, *O Conhecimento da Língua –Sua Natureza, Origem e Uso*, Trad de Anabela Gonçalves, *et al*, Lisboa: 1994

TOURY, G, *Descriptive Translation Studies and beyond,* Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.

Referências Bibliográficas Electrónicas

http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3979.pdf (consultado em 11 de dezembro de 2010)
www.ciberduvidas.com
www. wikipedia.org.pt